

ANGRA DOS REIS - ILHA GRANDE - VILA DOIS RIOS, em 21/12/01

SITUAÇÃO FINANCEIRA

Associação de Moradores da Vila Dois Rios	
Demonstrativo Contábil das	
contas do Setor de Pesca	
Pescados vendidos entre os dias 01 à 22/11/01	
Arrecadação e Destinação:	
Em Angra dos Reis	3.044,37
No Abraão e Vila Dois Rios	1.219,00
Receita	4.263,37
Frete do barco do Sr. Reis	1.086,00
Pagamento efetuado aos pescadores	1.588,68
Outros fretes, gelo, refeição, barca	
CONERJ, pedágio do cais e combustível	657,00
Despesas	3.331,68
Saldo	931,69
Compra para o cerco	594,00
Recolhimento a Caixa de Economia	337,69
Pendente: 66 tabuleiros de espadas pequenas	
c/20Kg cada um.	
Secretário Geral: Moisés	

A T I V I D A D E

Nossos sinceros agradecimentos
Por toda atenção dispensada neste ano.
Que o seu Natal seja repleto de luz
Antecedendo um Ano Novo
de grandes conquistas.

Todos celebram o nascimento de Cristo
Preparam a ceia esperando o momento
Com muita alegria e sentimento...

A Redação da Vila e Cantina do JSPCM.



GRUPO DE BATELÃO DA VILA



...
Aquele gen
te toda do
Clube de Pe
rua. E todos
vocs da Vi
la que, os
lares este-
jam reple-
tos de lu-
zes, neste

dia. Agradecimentos: aos motoristas
que fizeram a vida desta comunida
de e à todos os leitores e aos co
laboradores de toxtos. Ao Wesley
seu empenho na diagramação desta
Edição. Aos da UERJ:
Dan e a Diretora do
CEADS-funcionários.
À diretoria da Assoc
ciação. À segurança
e as crianças. Todos
tenham alegria tão
pura, a amior não se
ja de um prazer ma-
terial! ...

**A Escola Estadual Padre Júlio Maria**

A Escola do nosso bairro no final do ano 2001.

Bem antes da virada do século XX ela se tornou a nossa **SALA DE VISITA**, que fi
gura entre as estruturas sociais estabelecidas, cujo, ajudaram tornar a Vila

Dois Rios o polo tradicional de uma vasta região, e, se destaca como a nossa tradicional Escola Primária, aquela casa que, juntamente com a da Vila de Abraão, marcou a realização de muitos encontros e palestras em diversificados campos socio-educativos como ... no início da década de 1980, lembro-me, foram realizados simultaneamente, em Abraão e em Vila Dois Rios alguns Encontros de Casais com palestras que tiveram tão marcante influência na vida social da família da Vila; acredito que foi insumo aproveitado na construção da memória.

Os Encontros de Casais, instalados, funcionou inicialmente no secular Mosteiro de São Bento, em Angra dos Reis, (não tenho certeza se estar correto o nome), em dependências cedidas por seus religiosos. Passou a ocupar, depois, um prédio no alto da Ladeira (não me é possível lembrar agora o nome da instituição) parece ser do Cruzeiro, e veio, por último, já em bom estágio, a se transferir para o Abraão onde, antes de ocupar a atual Casa da Cultura, conheceu vários recintos em prédios velhos e nem sempre muito seguros; na Padre Júlio Maria ...



Após as histórias contadas por Benzi e por Gril, entrou em cena Gerson, um dos nossos convidados para aquela reunião, ele que estivera até então calado, apenas a ouvir. Médico, otorrino, com uma boa clientela particular, ele também tinha uma história interessante para contar e, já animado por algumas doses de uísque que o José Augusto havia trazido, disse:

- Olhe, eu vou contar uma história real, passada comigo mesmo, em meu consultório. Reconheço que, ao contá-la, arrisco-me a ser criticado e a ser chamado de interesseiro, mas, mesmo sabendo desse risco, vou contá-la, exatamente como se passou, inclusive anexando à história os pensamentos que, certos ou errados, me venham chegando à cabeça neste momento. Foi o seguinte:

- Numa daquelas "epidemias de saúde" que as vezes acontecem, quando ninguém adoece e o número de doentes diminui bastante, o consultório ficando preocupadamente vazio, fui procurado, numa bela tarde, por uma senhora ainda jovem, quarenta anos no máximo, que entrou na minha sala acompanhada de sua filha, essa ainda nos seus dezoito anos.

- A doente tinha um nítido sotaque paulista e estava vestida primorosamente, demonstrando, aliás, um extraordinário bom gosto na escolha de suas roupas. Cheia de jóias, colares, pulseiras, medalhões, brincos, tudo sugeria se tratar de uma pessoa abastada. Aquela ostensiva riqueza -- vocês me perdoem mas estou sendo sincero ao descrever meus sentimentos, -- me deixou, naqueles dias de vacas magras, de certo modo satisfeito, principalmente quando, após examiná-la, concluí

que seu caso era cirúrgico: tinha um grande pólipo (tumor na superfície dum órgão) nasal que estava lhe dificultando a respiração. Num lampejo, antevi ali a possibilidade de salvar o mês e de, talvez, concretizar um sonho há muito acalentado, a troca do meu carro.

- Expliquei-lhe o problema que havia com o seu nariz e, ao lhe perguntar, dentro da minha rotina, se já tinha feito alguma cirurgia prévia, fiquei extasiado em saber que ela já tinha sido operada duas vezes com Ivo Pitanguy. Senti, definitivamente, que poderia tirar meus honorários sem qualquer constrangimento, principalmente quando, ao procurar fixar a data para a cirurgia, ela me disse que só poderia fazê-la após uns vinte dias, uma vez que, nos dias subsequentes, teria que ir a Paris e, em seguida, a New York, para duas feiras de modas, onde pretendia comprar o enxoval para o casamento da sua filha ali presente.

- Tudo aquilo, confesso, deixou-me ainda mais entusiasmado, pois, acostumado a ter os doentes sempre regateando preços e sempre a pedir diferenças e descontos especiais, encontrava, afinal, uma doente que não teria como se furtar ao pagamento de uma conta, se não tirada em excesso, mas uma conta, afinal normal. Tudo acertado, honorários, hospital, tipo de anestesia, ficou combinado que, logo que chegasse de viagem, ela me traria os exames solicitados e marcaríamos, então, o dia da cirurgia.

- Nessa ocasião, o senhor Gerson fez uma pausa, tomou outra dose de uísque e preparou-se para narrar o restante da história que nos despertava a curiosidade e nos deixava ansiosos para conhecer seu desfecho.

- De ansioso, fui ficando inquieto à medida que o tempo passava e a doente não retornava. Um mês, dois meses (será que ela teria ido, com tanto dinheiro, se operar noutro centro, em São Paulo ou mesmo em Pariz ou New York?) e nada da doente voltar.

- Certo dia, encontro-me casualmente com sua filha, a que ia se casar, numas das ruas de Angra. Não resisti a curiosidade e lhe perguntei pela genitora. Aí ela me disse:

- Doutor, a mamãe está internada, não sabia?

- E eu, já presentindo algum concorrente a tomar conta do caso:

- Internada pra que, minha filha, para se operar do pólipo?

- Não doutor. Ela internou-se numa casa de saúde para doentes mentais. Ela tinha começado com uma série de pensamentos esquisitos, fazendo planos para meu casamento (imagine, eu nem estava noiva), e que iria comprar meu enxoval no exterior, inventando, ela que nunca teria dinheiro para isso, cirurgias jamais realizadas com Pitanguy, sonhando que, ela mesma, era uma milionária, a fazer viagens imaginárias para Pariz e para New York, a comprar bugigangas como se fossem jóias de valor, enfim, num delírio de grandeza tão impressionante que o jeito foi interná-la para tratamento. Aliás, eu vi logo que o doutor, com sua argúcia e experiência, tinha percebido tudo quando ela foi ao seu consultório ...

- A essa altura, com meus sonhos desmoronados e seriamente ferido no meu amor próprio, eu que não tinha sequer imaginado pudesse aquilo se tratar de um delírio megalômano, não me restou outra coisa senão dizer:

- Minha filha, e ela está conseguindo respirar, com aquele bruto pólipo no nariz?

Epílogo

Nós, os presentes, morremos de tanto rir e, achamos em nossa confabulação que a mulher havia morrido de panariz, doída de tanta dor, havia enfiado o dedo no nariz e o pus escorreu, o médico que não viu, nem uma nem outra enfermidade deu o diagnóstico errado "pólipo no nariz".

Editorial

Dona Lucilene

Ao cobrar-me as Edições de ontem, cujo, não foram lhe enviada. Hoje é com muita satisfação que dirijo a V. S^a. para expressar os meus agradecimentos pelo interesse demonstrado em promover, também, a sua sublime leitura deste jornal "A Redação da Vila", tratando-se da Diretora da Escola Estadual Padre Júlio Maria.

Desde já, este comunitário se coloca a inteira disposição para os necessários pedidos desta natureza. FELIZ NATAL e um PRÓSPERO ANO NOVO.

N A T A L
M A N I P U L A Ç Ã O

Acabou-se aquele tempo de compras, trabalho, corre-corre, casa, festa, trabalho de última hora, ginástica mental para aguentar: Natal, Réveillon - bata-lhar férias no emprego para tudo isso. Era fim de ano alegre. Ufa! Que bom! O tempinho...

Hoje, não, hoje não se ver falar em festa, nem tão-pouco no Cristianismo. Só se ver **MOVIMENTO, PROMESSA e PRESSÃO** no ar e o jeito, é, mais ou menos procurar se desligar ou ligar o tubo da televisão na imagem de um natal manipulado pela mídia do cenário geral.

- Vem o desafio e procura-se dar tudo sem estressar com a variedade do comércio, coviver com a guerra de preços e com a guerra real e apostar na esperança. Você, eu e todos nós imaginamos como? Calminhos ficamos onde estamos, que o rolão antichoque está a caminho. É um superpacote de emoção e ilusão que preparam para cada fim de ano, com idéias energizantes de exercitar o desejo popular, e, o povão mesmo se conforma com seus emagrecedores, alimentação do dia, como outra qualquer.. . sem falar nas soluções encontradas pelos povos ricos lá do Norte Continental deste planeta, de alimentar o mundo com bombas. Já que foram eles próprios os criadores do **Papai-Noel**.

Como se fossem Papai-Noel enchendo as festas populares de Natal dos povos do mundo inteiro. O homem, que trabalha o ano inteiro no alvoroço da sociedade. Estressa! Procura nesses momentos de festa outros movimentos para re-carregar as baterias preparando-se o ano seguinte. Sai da rotina nem que se já poucas horas, quilômetros em direção a natureza. Em especial a Ilha Grande. Quando pode vem caminhar pela estrada da Vila Dois Rios - o nosso paraíso, isto foi o que eu vi neste primeiro ano do século XXI, aqui do meu posto avançado. Pode ser até um almoço de domingo em um restaurante fora da cidade, revigora-se. Caminhar pelas trilhas é uma outra forma criada como se fosse salada que dão energia, tem um jeito só dela fazer a higiene mental do homem e fazê-lo rir. Aliás Rir talvez seja a felicidade do ser humano isto foi o que o Pai nos reservou, e Jesus Cristo nos revela a prova viva de que rir é o melhor. E também nos serve de remédio para acabar com a triste manipulação do Natal. A gente aqui embaixo ouve suas alegrias sem gargalhadas ecoar em qualquer lugar do uni-

verso, e nunca ninguém viu Cristo estressado!



Mas sortudo, mesmo, foram os que viveram na época do Nosso Senhor Jesus Cristo. Incubidos de guardar engenhocas complicadas e eficientes para acabar com a tensão do povo depois de dois mil anos d.c. Só de pensar experimentando uma por uma, quando percebi, meus pensamentos estavam voando, voando - quase esqueci este mundo!

Fui à cidade grande e voltei correndo em pleno meio de semana, neste início de dezembro, para passar os meus bons momentos cercado de verde, ouvindo os passarinhos... Mas quando não tenho essa mordomia, fecho os olhos e fico bem quietinho, tentando não pensar em nada. Também relaxa pelo menos uma vez por mês, ficar um dia inteiro em casa para recuperar a energia e sossegar um pouco e, se possível Rir, soltar garga-

gargalhada para a **MANIPULAÇÃO** desse **NATAL** atual.

A M^{te} José Pereira Souza, Feliz Natal.

Os **TEXTOS** e **ILUSTRAÇÕES** - São da inteira responsabilidade de Hotair, rua Paraná nº09.Vila Dois Rios - Ilha Grande RJ

Tema: Vida do lugar

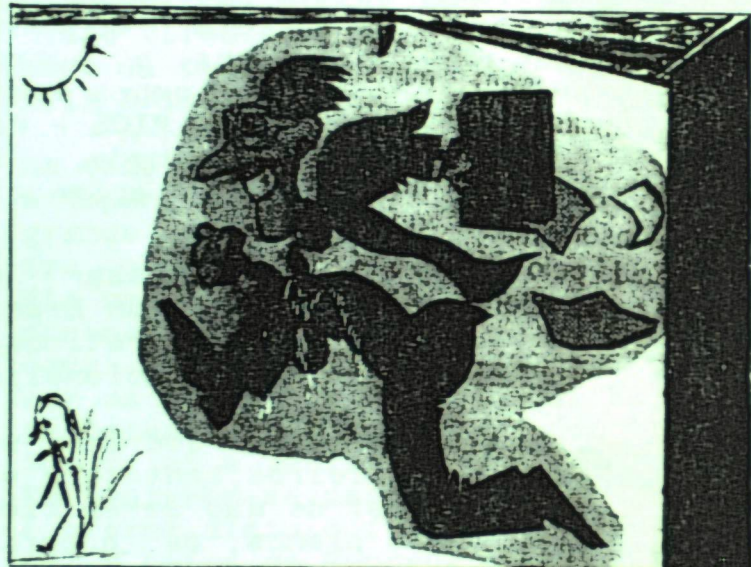
F E R I A D ã O

O REI DOS FERIADÕES

Estou referindo-me ao mês de novembro do corrente ano de 2001:

Para comemorar o dia da República e,
emendar com o dia de **ZUMBI** do Palmares...

- Tivemos estas duas datas, 15/11 e 20, que não têm nada a ver com a nossa vida da Vila Dois Rios, ao menos é o que pareceu naqueles dias de lazer. Tanto uma quanto a outra. Tiveram seu passado forte sobre este lugar tão bonito. Por isso é que muitas pessoas fazem igual ao Zumbi dos Palmares - desapaixoa-se da confusão - e vai aparecer em um outro canto é o que hoje chamamos de feriadão.



- Na **VELHA VILA DOIS RIOS**, deste século XXI.

O tempo das localidades diante da voragem que passou aqui é diferente da quele das pessoas, por vezes não. Trabalhei bem vinte anos ou mais em Vila Dois Rios, como se estivesse no exílio, pode se dizer assim, porque não saía daqui pra nada, dos anos setenta (70) aos (90). No nosso tempo. Saía rapidamente, uma vez em 84 e outra em 94 (para se ter uma idéia do espaço de tempo), tudo foi muito corrido, ou não? Eu não gostava de sair da Vila Dois Rios, apenas ia para rever os amigos. Desta ultima vez fui obrigado ficar trabalhando, não voltei, só vinha ver a família de manhã e voltar no mesmo pé. Certa vez vim ver a Vila e tive, pela primeira vez a plena dimensão das suas transformações. A Vila Dois Rios que conheci praticamente não mudou, a não ser pela voragem arquite

tônica e, pela enorme quantidade de ervas e gramíneas que enriqueceu a paisagem, que se espremem como se estivessem esmagando a gente nas ruas parecem, que se tormaram apertadas e invadem as calçadas, e pelos telhados, paredões, muros, lajes e tudo mais onde elas podem agarrar, aflora por toda parte mas que não dão conta do novo estilo de vida excessivamente idêntica a do ocidente onde o ócio tem o privilégio de ver o desaparecimento do sol o mesmo dos viladoisriosses. Mas, excluído este aspecto e esquecido o shopping das mangueiras e jaqueiras, Vila Dois Rios é, para minha conservadora alegria, sempre Vila Dois Rios.

Na longa faixa beira da montanha e sobretudo a região do Parque CEAD-UERJ, deu-se uma notavel renovação campestre. Era um perímetro de uns dois quilômetros de areia, tanques e instalações prisionais, vigorosos, límpidos, garridos, que me lembro e não posso esquecer, durante uma vida de carcereiro, nos idos de 70 à 90, quando se fantasiava aquilo como uma virtual Passo Imperial, com coselhos operários prestes a tomar o poder e Proclamar a República. Ecológicamente - ninguém se impotunava na época - era quase tão habitada quanto o Abraão, do outro lado da Vila, onde em certas ocasiões uma partida entre o Abraonense e o Vila teve que ser interrompida por causa de uma imensa quantidade de time olimpico inscrito provavelmente de um torneio vizinho que tornou a bola e os jogadores sem tempo integrou no campo.

Sua espinha dorsal são grandes equipamentos da Universidade: a estrada sobre a Vila, do tamanho da Rio-Niterói, a Estação de Tratamento, de recente instalação, a Reforma Arquitetônica, do Prédio, o Pavilhão do Laboratório, uma área multiuso de ocupação, a futura sede da Reitoria, Posto de Saude, o Casarão Reformado, a Usina Geradora de Energia Elétrica, a Central das Comunicações, um vultuoso investimento imobiliário privado que faz da área não só um novo bair-

bairro, mas um polo qualificador de toda a região periférica. O partido urbanístico está reestruturando uma malha de instalações tradicional com usos mistos compatíveis. São dedicados a moradia 70% do espaço, e o restante à administração e gerenciamento. Os prédios residenciais são ligeiramente baixos, não há condomínios isolados, a calçada é o elemento estrutural do espaço.

Um destaque notável do Parque Sustentado é o Oceânico. Deixa os outros parques universitários, que fazem ideia, no chinelo, com suas 30 milhas, cálculo que faço, aproximadamente sem nenhuma base científica, uns 5 (cinco) milhares de espécies de guase 50 espécies são encontrados aqui e um bilhão de metros cúbicos de água salgada. O rio lateral tem 3km de carinho especial, duzentos mil metros cúbico, mais água do que quarenta piscinas olímpicas, uma vegetação espessa nas margens e mais de dois mil peixes nativos: robalo, tainha, bagre, parati, cardumes para todo gosto. Há outro rio, o das cachoeiras: Canituba e Maravilha. Com outro ambiente aquático e costeira, dividindo os animais que vivem pulando entre os dois ambientes distintos. Há inúmeros tanques naturais menores, temários: da prata, do ouro, doméstico, da barra, e e-

nária, necessitou de um subsídio inicial, o que, levando-se em conta o papel educativo, mesmo não sendo catalizador do empreendimento, foi plenamente justificável.

Entre as autoridades brasileiras, o Governador Marcelo Alencar, o Prefeito Luiz Sérgio e o Ministro do Meio Ambiente Gustavo Klaus, havia não apenas disponibilidade como entusiasmo em participar do programa coordenado pelo Sr. Márcio Tadeu e o Reitorado de revitalização da área patrimonial da Ilha Grande já tombada por decreto, pela obrigatoriedade, afinidade histórica e sentimental. Vila Dois Rios sempre foi e é hoje uma filha prole da República, berço político de longe. A mesma árvore que Zumbi plantou antes de morrer.

Não teve a mesma sorte, Zumbi - foi aquele negro escrachado no pau-de-arara não só pelo racismo dos brancos, mas pelo seu idealismo, cuja liberdade era uma consequência de uma luta centenária, marcada por Ganga Zumba e outros antecessores criaram os quilombos assim como nós criamos a VILA DOIS RIOS - não deixamos que ela fosse escrachada, se bem que tivemos a colaboração acima citada.

Assim como Tiradentes, sucessor de Zumbi dos Palmares sonhou com um Brasil independente e D. Pedro I concretizou o grande sonho nacionalista.

Os negros queriam ser brasileiros, tanto era que apesar de não serem cidadãos plenos, os aforriados, sempre que possível, manifestavam o seu sentimento de brasilidade. Na cadeia da Ilha Grande (Penitenciária Cândido Mendes) - VILA DOIS RIOS isto virou peça de teatro, ou seja Zumbi foi encenado muitas vezes, apresentada até a pedido de autoridade..., e precursor do romantismo no Brasil, e fanáticos de algumas tiragem como o "O Filho do Pescador - Romance Brasileiro".

Antonio Gonçalves Teixeira e Souza nesta época da peça era o que se lia no interior do Estabelecimento Prisional, tratava-se de um fluminense de Cabo Frio, considerado o Poeta da Independência.

Quando alcançam a Abolição, os negros reverenciaram um novo tempo, aquele do Zumbi. Transformações estava aconte-



te. O oceano central e os dois rios, embora separados, visualmente forma um só ambiente.

O ambiente é visitado por mais de mil pessoas por ano. Com alcance gasto anual e pequena receita, o que lhe dá ausência total de rentabilidade. Operacionalmente é um negócio viável, mas o investimento para a construção, milio-

acontecendo no mundo todo, e um dia, com certeza não muito distante, viria a República.

- Com o advento da nova forma de governo viria a chance de um dia algum negro assumir o comando do nosso país e transformá-lo num imenso Palmares.

- Muita gente brava se engajaram, cada um a sua maneira, na luta contra a escravidão, dentre eles cita-se Chico Rei. Mas só teve como exemplar de coragem, liderança e capacidade administrativa o Zumbi, porque ele, democratizou Palmares, transformando a região numa comunidade organizada, fraterna e sem preconceitos.

- Foi considerado o rei Zumbi, e declarado o irrepreensível símbolo da liberdade e herói, não só da raça negra, mas de todos os brasileiros. Como já disse virou peça de teatro na cadeia, aqui na Vila Dois Rios:

- A peça de teatro na cadeia falava com a imponência de um grande tribuno que não era, com muito esforço a gente entendia uma passagem ocorrida em 1678, a encenação dava conta de um dia em que Ganga Zumba havia ido a Pernambuco fazer as pazes com os brancos. Na volta, ao passar em Palmares se encontrou com Zumbi, aí a terra parecia que tremia. Enfrentaram-se para sempre, num mocó, conforme dizia o falecido José Trajano, a beira do Mundaú, e a única testemunha foi um tal de Griô Martinho de Palmares, e lá na peça ficava os atores, "presos" fazendo a encenação:

- Diga lá, meu tio, o que nos trás Dessa paz com o Governador.

- O que nos disse o Opressor?

- Para começar, não desclassifique, Não foi com o Governador.

O Rei de Portugal nos Prometeu:

Emprego. E a graça de Deus.

- Rei ou Governador, é tudo alemão.

- Não vamos brigar em vão.

O que espero é que o negro Tenha paz e progressão, Vida longa, trabalho e pão,

Respeito e grana na mão, Não muita... pra não...

Teve-se uma idéia de trazer está peça para o Centro Social Nstor Verissi-

mo, impossível... continuou sendo representada no pátio e algumas vezes na Frei Caneca... a coragem de Zumbi inspirou, também, alguns elementos do mundo do crime.

- Tenho cá duas perguntas, meu tio Ganga, a fazer.

- Faça lá, sobrinho Chico.

- Francisco já não me chamo.

Pois manso deixo de ser.

Pergunta um: o tio acredita que os brancos nos darão emprego e pão?

Pergunta dois: o senhor meu tio acredita que o fim da vida é ralar e comer?

Se é isso, eles já nos dão.

- Mas eu faço também dupla pergunta ao sobrinho.

Pergunta um: acredita que se possa ser feliz em guerra?

Pergunta dois: acredita que deles se possa ganhar um dia?

E, com permissão, acredito: o sobrinho não gostaria de envelhecer com dinheiro?

- Tio, o que o senhor prefere: Viver pouco em liberdade?

Viver muito em cativo?

- E o sobrinho, o que prefere?

Lutar por uma vitória

Que não acontecerá um dia?

Prefiro uma vitorinha, das boas, pequenininha.

Que vitorinha?

De o branco reconhecer que preto Também é gente, não basta?

Mas gente empregada, escrachada, Suada no pau-de-arara?

Montar negócio, subir Ao nível da sua casta?

Já sei o que quer, meu tio Que o negro seja branco O branco, branco não seja Pular de um lado somente Pro outro lado do rio.

Eu o que quero é entrar na água Seguir até o mar o seu fio.

Essa é a lei da vida, sobrinho Alguém sempre por baixo Pensando bem, é o que acho.

Meu sobrinho Zumbi, uma profecia: Assenta o facho. Ou vai morrer no mato com a boca cheia de formiga.



De arma na mão, também faço uma profecia: Você vai morrer na cama, a boca cheia de oração.

Daqui a quinhentos anos, zumbis continuarão morrendo. É o que rogo sobrinho.

Daqui a quinhentos anos, ganga zumbas continuarão ganhando.

É o que te rogo, meu tio.

Este foi um diálogo entre o tio e o sobrinho muito antes da extinção da escravidão: (Neste dia Zumbi dos Palmares foi morto, em 20 de novembro de 1695. Em 1678 Ganga Zumba foi a Pernambuco fazer as pazes com os brancos. Zumbi ficou revoltado quando soube. Aguardou o tio que ao regressar passou a pé em Palmares; esta viagem durou um ano e oitenta e quatro dias. Mais ou menos 210 anos antes da Abolição da escravatura. No dia 13/05/1888, a princesa Isabel, maior autoridade do Brasil na época, visto que o imperador D. Pedro II estava de viagem em Portugal, assina o Pergaminho e o entrega a Patrocínio). Neste ato estava presente o marechal Deodoro. Que com o advento proclamou a República no dia 15 de novembro de 1889:

-(Este foi um conterrâneo da dona TEREZA da Cantina. Nasceu em Alagoas a 5 de agosto de 1827 e faleceu no Rio de Janeiro em 23 de agosto de 1892. Representando o desejo do povo brasileiro, à frente de uma tropa, proclamou no Campo de Santana a República brasileira.

Encontra-se petrificado em diversas praça pelo Brasil, principalmente em Maceió, Palmeira dos Índios, e União dos Palmares. Rio de Janeiro e etc...

- Foi o criador do regime republicano. Foi o chefe do Governo provisório e, depois eleito o 1º Presidente da República, 15/11/1889 a 23/11/1891, ao lado do grande jornalista Quintino Bocaiuva, natural de Itaguaí, Estado do Rio de Janeiro, e colunista do Jornal Paiz; Ministro do Exterior, Senador e Governador do Estado do Rio. E Floriano Peixoto que sucedeu Deodoro. Depois, a República foi se consolidando com muitos outros adeptos como: Prudente de Moraes, Campos Sales, Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo Peçanha, Hermes da Fonseca, Venceslau Brás, Delfim Moreira, Epitácio Pessoa, Artur Bernardes, Washington Luiz. Depois a República passou por uma Junta Governativa formada por: Tasso Fragoso, Mena Barreto e Isaías de Noronha. Assume Getúlio Vargas, 01/11/1930 a 1945).

Foi mais ou menos por aí, a razão pela qual nós temos hoje o FERIADÃO na costas da pobre REPÚBLICA, sofrida, escrachada como o ZUMBI. Um fato concretizado encima destes homens, sem distinção de raça e cor.

Se não houvesse este passado, hoje, talvez, não existia mais a população da Vila Dois Rios. Já que, na última geração foi Getúlio Vargas, quem mandou construir o Presídio neste local e, conseqüentemente a estrada, aquela que você passa todos os dias e todas estas casas. E ainda usou a própria mão-de-obra local, isto é, serviço braçal para abrir a estrada no enxadão, o que foi feito em tempo recorde, com uma duração de duzentos e setenta dias (nove meses), segundo um dos trabalhadores, o já falecido, VERÍSSIMO.

Tem ou não tem, essas datas a ver com a nossa vida da VILA DOIS RIOS, hoje primeiro mês de novembro do século XXI?

A VIDA e a TERRA

Anônimo

Na Vila Dois Rios,
o tempo não existe,
meu amor.
O tempo é nada mais
que uma invenção
de quem
tem medo de ficar eterno.
De quem não sabe
que nada se acaba
que tudo o que
se vive permanece
cinza de amor
ardendo na memória.
O tempo perdoa ti
de casos que
vivemos outrora
recordas agora.

O tempo passa?
Ai, quem me dera!
O tempo fica
dentro de mim,
cantando fica
ou me queimando,
mas sou eu
quem canto
eu que me queimo,
o tempo nada faz
sem mim que lhe
permito a minha vida.
De mim depende,
sou sua matéria,
esterco e flores do chão
da minha mente.
O tempo é o meu perdão.

CULTURA - Reproduzindo o presídio:

ZEQUINHA
O PRISIONEIRO DO CRIME
EXPLICA MAS NÃO JUSTIFICA

Quando eu saí da Vila Dois Rios era uma tarde agradável, logo nos primeiros dias a Tereza foi ao meu encontro, buscar resposta, numa telefonada fui surpreendido num estalo _ tudo pronto? Vamos viajar às 22:00 h! Nem tivemos tempo, ela esteve ocupada no salão do Gerbe, até às 20:00 h, quando saiu veio correndo arrumar as coisas, todas espalhadas pelas gavetas, foi entulhando as bolsas e saímos. Fomos levados pela Nanci, a netinha e o genro ao Galeão para o vôo de zero hora.

Neste embalo eu fui visitar Recife e lá tive o prazer de conhecer melhor a, ainda, pacata cidade de Jaboatão. Arranquei lembrança vivida de casos contados outrora na cadeia pelos presos na porta da inspetoria de guardas e outras lá pelo rancho. Quando voltei com aquilo tudo na cuca, não tive solução, estava condenado a registrar aquilo que estava no fundo da mente, sem falar o que escrevia e nem, escrever o que falava, comecei essa estória maluca de trás pr'a frente sobre a família do Zequinha, quando ainda era analfabeto, então, recentemente chegado na cidade do Rio de Janeiro, trazido pelo pai, um pernambucano sem conhecimento, quase analfabeto, que veio tentar a vida sem nada saber daqui, só apenas jogava com a sorte trazer-lhe bons resultados, incerto para toda a sua família, que sonhava, sonhava, sonhava: ...

_ "Assim fui Zé! hoje é Zemané. Você é socio, sô _ não; sô dependente. É dependente ou é sócio? nem sei; sô considerado, ... socio. Considerado! ... pô, eu nem sabi. É, um tal de socio, p'ra quem não é socio. Pu consideração". Puxa! _ quem falou isso? "a !!! Tudú, mundu _ nós vota". Vota? "Vota, na assuciação que o seu Rincha fez naquela vez". "Mas, ta errado?" Está. "Então, manda ele cuncertar. _ Ah! não. Nada! _ fica assim mesmu. p'ra genti ta bão. Nós que é vota. E prontu. Vai funcionandu todo dia p'ra baixu leva e traz genti ... ganha bem, nem sabi se tem esse negoçu de istatutu". Cara _ você existe? "Eu, não. não sei quandu naci, quantu ano tem eu : dez quinze vinti cincú. Vai levando a vida de carqué jeitu aqui é assim. Até vê".

Muito bem obrigado, senhor José, vou falar com o senhor Richard para; ... "não, não dexa assim mesmu. Eu não sô ninguém não. Eu passei que eu era eu, dispois eu vai lá _ mas nem sei qui sô. _ Vô pergunta dimanhã nu culegio a dona professora da assuciação, a Chica ... Alguns anos depois já não era mas Zé e nem Zemané, era Zezinho das cantorias pois gostava muito de cantar... assim foi o início da história do presidiário no início carioca lá pelos anos finais de 1960, que transformou o pernambucano, o senhor Severino, quando foi morar com a família no Morro, logo depois de alguns meses no Rio de Janeiro.

E, dali do saguão ia conversando aquela conversinha fiada até o refeitório dos internos, e depois até a cozinha com um simples objetivo de lamber um qualquer bocado da padaria; e sempre alguém (outro preso) lhe bajulava oferecendo um cafezinho, uma merenda, qualquer coisa para mastigar, o Zequinha _ preso bom de papo sabia levar a vida com os guardas, o Inspetor de Dia, era um prato cheio. O nosso melhor chefe de turma, então: hum _ levava horas conversando com eles; a sua paciência representava uma habilidade incomum, a cada pormenor do assunto era desempenhada ali a sua função que representava no efeito do conjunto. Nada era deixado ao acaso. Recusando-se a qualquer encenação particularizada eu como participava ou ouvia, conseguia realizar nesses momentos uma composição cuidadosamente



concebida, constituída de linhas gerais e de correspondências oral informal, na qual estão imortalizadas de maneira que a mesma monumentalidade, e intimidade dos personagens são reproduzidas. Como sempre havia habilidade de sobra na equipe, quando podia eu ouvia um pouquinho a mais dos papos... Naquele dia ao lado de Olinda, lembrei do presidiário Zequinha, pois estava na terra dele, malandro bom! _ Anexava em torno do Pistola, e do Mariel, tudo era uma estória quase só. Conforme ele contava às vezes quando era escoltado lá pelos pátios do ambulatório, ou qualquer passeio pela cozinha, que outrora foi o Zé. Contava que: _ Seu Severino ia subindo o morro vindo do trabalho e era saudado pelos que cruzavam por ele com reverência, fora do comum. Agora na cadeia o Zé lembrava seu pai quando chegou em casa intrigado:

_ Oi, mulher! Aconteceu alguma coisa boa? Vim andando, e todo mundo me olhando como se eu fosse um artista, e alguns me reverenciando como se eu fosse autoridade. _ Ai, marido! ... O morro está virado de cabeça para baixo. O Betão abusou de nossa Beatriz, e o Zequinha acertou ele. _ O quê! _ Acertou p'ra valer. Que Deus o tenha, ou melhor, que o demo queime a alma dele na fogueira do inferno. Dizem que o Zequinha tomou o lugar do infeliz.

O pernambucano arregalou os olhos e a mulher continuou: _ Fica aí parado não, homem! Corre lá. Vá ver o que está acontecendo com o nosso Zequinha. _ Pega lá meu revolver, mulher. _ Não ta no lugar. Acho que o Zequinha queimou o cara com ele. Seu Severino não sabia nem a direção do cafofo. Um moleque o guiou até um ponto onde rapazes armados de fuzis o escoltaram até onde estava o filho. _ Zezinho! _ Oi, pai! Bença. _ Deus te abençoe. Que que há, menino? _ Não se preocupe, pai. ta tudo sob controle. _ Vamos embora p'ra casa. _ Ih, velho. Vou ter que ficar aqui por mais um tempo. Tive de tomar a frente do movimento. Só depois de tudo se acomodar é que eu vou ver quem é que vou botar no comando: _ Então vou ficar contigo. Não pai. Vá p'ra casa e não se descuide. Aqui está o seu revolver, carregadinho de novo. Dá ele p'ra mãe. Se for preciso, ela vai saber usar, não é difícil. Virou-se para um capanga e ordenou: _ Dá o



fuzil p'ro velho. Mostra p'ra ele como funciona. É um M-16 automático, pai. Leva mais um carregador. Bença... Essa minha cadeia tem história...

Com a cabeça girando, seu Severino titubeou, mas, devido a firmeza do filho, decidiu não insistir. Retornou escoltado pelos dois rapazes. Chegando em casa passou o trinta-e-oito para a mulher. Exibiu para ela o fuzil moderno de origem americana e fez o relato. A mãe ficou triste. Entendeu que o seu filho, o tão querido Zezinho das cantorias, agora era conhecido pelo alcunha de Zequinha da Boca, e era realmente o chefe do trafico, um marginal.

_ Queira Deus que ele se livre dessa enrascada. Tomara! ... Seu Severo ficou transtornado. Não era esse o destino sonhado para o filho. Sabia que quem entrava para o

mundo do crime dificilmente saia. O estado emocional dos pais do Zezinho, assim como o dos moradores do morro era dúbio. Ao mesmo tempo que sentiam um certo mal-estar, demonstram uma ponta de orgulho pela posição ocupada pelo filho, pois passaram a gozar de um respeito que nunca tiveram na favela e nem em Jaboatão dos Guararapes, sua terra natal.

Na rebordosa do ultimo acontecimento apareceu Francisca, a filha do seu Severo que fora amante do rei posto. Apesar de ter sido maltratada e desprezada, a professora ainda estava apaixonada pelo bandido quando ele foi assassinado pelo irmão e, mesmo sabendo que o pivô do crime foi a irmã estuprada, chorou compulsivamente, culpando-a por todo o acontecido. Chegou a confessar a mãe a sua paixão e dizer que não suportaria mais conviver com a mana Beatriz, nem mesmo olhar para a cara dela.

No mesmo dia saiu a procura de emprego, resolvida a deixar o morro onde tinha o status de professora. Como se sabe, Francisca dava aula na sede da Associação de Moradores. Lá conheceu um deputado, o dr. Honório que elogiou muito o trabalho dela ao fazer uma visita. Conversaram bastante sobre educação, e o político ofereceu-lhe um cartão dizendo que poderia procura-lo se algum dia precisasse dos seus préstimos.

Decidida a deixar o morro, Francisca lembrou-se dele e foi procurá-lo. Ofereceu-se e aceitou trabalhar como domestica de tempo integral na casa do legislador, o dr. Honório Toronto, aquele que colocou água e luz no morro. Chica nunca mais voltou à favela. Saiu muito chateada, aborrecida, sisuda, mas tinha um bom coração e com o tempo a magoa que tinha da irmã se dissipou.

O tempo tudo dissipa, mas parece que ela, tal qual viúva saudosa, jamais se desligaria do traficante eliminado pelo irmão. Todo indicava que iria ficar sempre solteirona, pois desde que chegara de Pernambuco não se deitara com outro homem alem do falecido Beto Beleza, mas não foi este o seu destino. Um rico amor chegaria para afastar o fantasma de Beto e mudar a sua vida.

Na casa onde foi trabalhar, por ser ativa e solícita, tornou-se muito querida e passou a ser tratada de maneira familiar. A patroa não gozava de

boa saúde: vivia quase sempre acamada. A filha única, bela jovem advogada recém-formada, que antes só estudava e tomava conta da casa, arranjou um emprego, então Francisca tornou-se uma espécie de governanta. Dava ordem a passadeira, libava com a faxineira, fazia compras no supermercado auxiliada pelos motoristas. Pareci patroa. Organizada a casa, preparava a comida... Cuidava bem da dona Heleodonara, com quem era muito atenciosa: "Patroinha ta na hora do almoço... a senhora tem que se alimentar; patroinha, aqui está o seu remédio; patroinha, vamos tomar banho". Preocupava-se também com o dr. Honório. Quando ele ia para a câmara, observava: "Ê, patroa! Essa gravata não está combinando; ô, patrão troca de terno... já faz um mês que o senhor anda com o mesmo, só muda a camisa".

Vieram as novas eleições, o dr. Honório Toronto concorreu ao senado, mas não se elegeu. A derrota nas urnas o deixou arrasado. O homem recolheu-se, quase que não saia de casa e foi ficando desleixado. Chica o incentivava: _ patrão, nem ontem nem hoje o senhor fez a barba. Está precisando de se mexer, sair. Em vez de fazer a barba em casa, por que não vai ao barbeiro? Está precisando também de aparar o cabelo, fazer as unhas... Numa volta da barbearia observou: _ O corte hoje ficou ótimo. O senhor rejuvenesceu, parece outro. Só o que não esta boa é a aparência das orelhas, cheias de pelos, um chumaço. (Risos.) _ É um sinal de velhice. Quando um homem vai envelhecendo, os cabelos vão sumindo da cabeça e aparecendo nos ouvidos. (Mais risos.) _ Que velho nada, patrão. Venha cá. Pegou uma pinça, mandou que ele sentasse no sofá ao seu lado e deitasse com a cabeça sobre as pernas dela. Com a pinça, arrancava os pelos da orelha e ele gritava: _ Ai! Isso é horrível. _ agüenta, patrãozinho. O senhor não é o tão valente Honório? Tem de honrar o nome macho. O homem agüentou firme. Trocou de lado para que ela depilasse a outra orelha. No final Francisca fez um cafuné e ele adormeceu nas pernas dela. (Cada preso tem um caso na vida, Hoje na cadeia e na Vila Dois Rios - Ilha Grande Zequinha era um deles)...

Beatriz não teve uma boa sina. Seu sonho era trabalhar em butique de shopping, daquelas em que as vendedoras usam as roupas da loja. Cabocla, quase negra, de cabelos lisos, deu um trato no rosto, um leve batom no lábios, vestiu-se da melhor maneira possível e foi a procura de emprego. Perambulou por todas as lojas, apresentou-se em diversas entrevistas, mas não arranhou colocação.

Continuou esperançosa: _ Vou procurar em outros shopping's _ disse em conversa com outra desempregada, mais ou menos do seu tipo. A colega já desanimada _ não vai adiantar, eles só empregam as brancas ou morenas-claras. _ Já notei isso também. Acho que são todos racistas. quando entra uma branquela antes de mim para as entrevistas, eles conversam muito. Comigo fazem poucas perguntas. _ Para mim também. E quando eu respondo sobre onde eu moro, mudam as expressões do rosto e dizem: pode ir, aguarde um telegrama.

Não vai chegar nunca. Têm preconceito com quem mora em morro. Os pobres são a maioria do povo brasileiro e atualmente estão com um grande poder de compra. Deveriam fazer um boicote a estabelecimentos comerciais onde não pode ser atendidos por alguém que dar-lhe atenção. A morena Beatriz voltou para casa cabisbaixa. Foi perdendo a alegria, ficando revoltada, endurecida. Quis ser bandida junto com o irmão.

_ Mano, to precisado comprar umas roupinhas.

_ Vou te dar a grana. Quanto é?

_ Não quero de graça. Quero trabalhar.

_ Aqui não é lugar p'ra mulher.

_ Mamãe também não me deixa servir os fregueses lá na tendinha.

_ Vá procurar um outro emprego, faz que nem tua irmã.

Beatriz fechou a cara: _ Não quero ser empregadinha domestica e não tenho jeito para prostituta. Zequinha pensou... pensou... e decidiu _ tá. Então você vai trabalhar na preparação. Começou enrolando maconha e preparando os papelotes de coca. Passou a ser chamada de Beta da Trouxinhas.

Com o tempo foi desgostando daquela função e passou a atormentar o irmão, dizendo que queria aprender a atirar. De tanto insistir ganhou um

taurus calibre trinta-e-oito. Foi treinar e logo se revelou excelente atiradora, rápida no saque. Depois experimentou uma metralhadora, uma AK-de fabricação israelense, que passou a ser a sua arma preferida, e entrou para o grupo de segurança, onde em pouco tempo já era a líder dos "soldados". Então, Beatriz ficou conhecida no morro como a Beta da Metralha, a justiceira.

Fala Zequinha, passou um preso seu amigo por perto nesse momento, no pátio da prisão com gestos cômicos, da 3ª galeria, notava que naquele momento ele me revelava essas coisas intimas da sua carreira criminosa. _ Voltou-se e saldou o amigo com um gesto de cadeeiro nato, e continuou o seu papo, nessa altura da história queria ele falar com o diretor; estudava um agendamento atravessado, através de influência e de favor. E com isso vendia estória de ouvido a ouvido de graça em troca. Não deu naquele dia para falar com o diretor, ficou valendo para uma outra oportunidade. Como preso não esquece as coisas, fui cobrado na primeira oportunidade e mais papo rolou...

Nesta outra oportunidade continuamos o papo furado, iniciado, ou melhor, reiniciando se não me falhe a memória exatamente neste parágrafo seguinte:

_ Um dia a mana (Beta) soube que dois rapazes da turma de contato, estupraram uma menina e ficou furiosa. _ Quando, ao ouvir isto eu falei para ele: _ Por isso que a minha paixão é a minha Colônia; porque aqui nada disso têm _ Pegou os tarados, mandou dar uma surra e sob ameaça de morte obrigou um a praticar relação no outro e vice-versa. Naquele ambiente tétrico era impossível a relação, e os torturadores choraram. Choraram, mas mamaram nos flácidos falos. Depois foram obrigados a sair vestido de calcinhas de mulher. Expulsos do bando e desmoralizados, os tarados abandonaram o morro.

Beta, a irmã do nosso preso Zequinha, a bandoleira, acostumou-se a vida marginal e a cada dia ficava mais insensível, enquanto Francisca, a domestica foi ficando mais doce, um brinco de pessoa. Na casa onde trabalhava, Chica ficou muito amiga e confidente de Bárbara, a

filha da patroa, com quem as vezes se divertia:

_ Que estranho o seu nome... Bárbara Toronta.

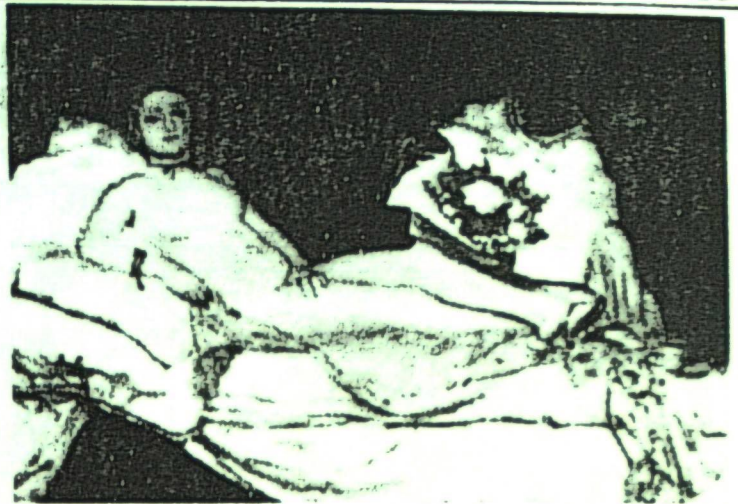
_ Pior é o seu, Francisca Severina Divina Silva de Deus. Você é a divina Chica da Silva ou a Chiquinha de Deus? as meninas brincavam umas com as outras, (Risos.) As vezes trocando as roupas no mesmo quarto entreolhavam-se, chacoteavam uma da outra com elogios vulgares. (Toques vulneráveis.) _ A patroinha amiga era muito curiosa e, conversa vai conversa vem, Chica Divina acabou narrando sua vida amorosa com um bandido, e Bárbara ficou sabendo que o irmão dela era o novo chefe do trafico no Morro da Serrinha.

A advogada arregalou os olhos, excitada. De fato ela era de um rosto redondo de um belo sotaque, e um corpo carnudo bem batido, gostava de flores brancas e botões vermelhos de rosas.



A danadinha era colaboradora do jornal... Especialista em Direito Criminal, além de trabalhar num grande escritório. Ela também freqüentava curso de jornalismo, estava se preparando para defender uma tese de pós-graduação sobre violência urbana e marginalidade.

Patroa sabe come é. _ Falou para a mana sobre a tese que pretendia defender, acabou convencendo a amiga e além disso empregada a facilitar um encontro comigo. Divina como passou a ser chamada, e escreveu um bilhete: Mano! Estou com muita saudade. A portadora deste é filha da minha patroa, mas é muito minha amiga e de total confiança. Ela necessita falar com você e, se o mano poder recebe-la, eu agradeço. Lembranças a todos os nossos e que Deus lhe proteja.



Munida do bilhete Bárbara foi entrevista-lo para saber sobre a vida no trafico. Zequinha a recebeu cordialmente, mas de maneira reservada. Não quis conversar muito. Bárbara explicou-lhe o que era uma tese de pós-graduação e disse que estava interessada na história de como ele se tornou chefe, mas o homem não era de contar vantagens, narrar bravatas. Disse apenas que estava na chefia por acaso. Falou que o antecessor agarrou sua irmã à força, ele se vingou e tomou-lhe o comando. Para abreviar a conversa, disse ter afazeres naquela hora. Combinaram um outro dia para continuar a entrevista, e Bárbara desceu o morro sentindo por ele uma grande admiração. (Que rapaz bonito... nem parece bandido, pensou.)

Assim, na segunda vez ela o encontrou menos defensivo. O entrevistado abriu-se mais um pouco, chegando a dizer que a escopeta calibre doze e a metralhadora AR-15 da qual não se afastava foram presentes de um policial e de um contraventor, e que parte do seu arsenal ainda não lhe pertencia. Confessou ainda que alguém havia deixado as armas mais pesadas para ele experimentar e que, se quisesse ficava com elas, teria de pagar, e o preço era altíssimo.

No meio da entrevista um contato apareceu todo alegre: _ Chegou o material, chefe. Querem falar pessoalmente. Zequinha se explicou: Vou ter de sair receber a encomenda. Não posso trazer-los aqui. São de confiança, mas não muito. _ Vou com você? _ Não. Vai ter de ficar aqui. Talvez não gostem da sua presença, e também não é bom que eles te vejam. São do comercio, mas tem policia no meio... E, quanto mais

distância da polícia, melhor. Não demoro

Bárbara se encolheu num canto, pensativa, como se estivesse despida da alma e a roupa que vestia e apenas uma máscara da nudez física.



Pensativa, imaginou concluir a sua tese de doutorado afirmando que o que há de pior no Brasil é a polícia e certos comerciantes.

Realmente Zequinha não demorou e, ao retornar, notando que ela estava curiosa, (amedrontada, protegida pelo contato que para ela, também estava despido) falou claro, meio que explodindo: _ É a matéria-prima do meu trabalho! Ela já estava a pânico, novamente se assustou com o tom da fala e então ele baixou a voz e confidenciou lamentoso: _ Nunca viajei para lugar nenhum. A maconha que eu repasso é da boa, vem do Nordeste. Cocaína é da Bolívia. Só não posso dizer quem é que traz.

Como ele tinha perdido o bom humor e demonstrava não querer falar mais, a moça rica, como ele a chamava, disse já ter material informativo suficiente para a sua tese, e que, quando o trabalho estivesse pronto, se ele quisesse poderia voltar e mostra-lhe. Deu-lhe um beijo de agradecimento e desceu. Na mesma noite escreveu um artigo sobre a vida nas favelas no dia seguinte retornou. Leu para o já amigo Zequinha a matéria que ia ser publicada com o título "Juventude favelada".

Zequinha ouviu tudo em silêncio sem esboçar reação. No final da leitura sorriu. Fez até menção de aplaudir. Disse ter gostado muito porque ela não alcaguetou ninguém nem escreveu que foi graças a ele que conseguiu tanta informação. Chegou até a sugerir que, como jornalista, deveria escrever mais sobre a vida na favela e que, se precisasse, ele estaria a seu dispor.



Bárbara descobre nele uma certa doçura, que a encanta. Na despedida o abraço e beijou-lhe as faces. Em casa comenta com Francisca Divina, empregada cada vez mais amiga, sobre sua amizade com o irmão dela... (Risos.) _ Não... não chega a tanto. Se bem que ele é bonito, forte... me recebeu de camiseta, depois se vestiu todo para receber os amigos comerciantes, a camiseta era sem manga e eu pude perceber a musculatura de atleta. Um teção. (Novos sorrisos.) Já disse... Você está enamorada, mas cuidado! Meu irmão não é um bom partido, lamento.

Bárbara deixou transparecer um ar tristonho. _ É... não posso negar que cinto uma certa atração por ele... mas não vou entrar nessa. Gostaria só de manter uma boa amizade com ele

e, se pudesse o tiraria da marginalidade. _ Ah! Se isso acontecesse, eu ia ficar tão feliz... A essa altura Bárbara já era amiga da família de seu Severo de Deus, e um dia foi visitar-los. A intenção clara era de rever o Zequinha, mas disse para dona Felisberta que estava a mando de Francisca, ávida por notícias. Retornou sem muitas novidades. _ Todos estão saudosos de você. Divina. _ Eu também. Não só do pai, da mãe, do mano e das maninhas, mas do morro inteiro. _ passei umas horas muito agradáveis com seus familiares.



_ E a Beatriz? tenho uma grande admiração por ela. É o anjo da guarda do Zequinha. Parece uma guerreira. Só a vi de longe. _ E o mano? _ Não o encontrei. Certamente soube que eu estava por lá, mas não mandou ninguém me chamar. Creio que não quer mais me ver. Achei melhor não importuná-lo. (Aqui na penitenciária Candido Mendes, o Zequinha era preso da linha de frente). Isto significava que não se tomava decisão sem a sua participação ao lado da cúpula, nos atos da massa carcerária, nos anos 70 e 80 do século XX. Muitos presos lhe cumprimentava batendo continência, não sei, talvez seja pelo fato da participação no bloco formado por eles para impor uma nova linha

Na cadeia, entre eles cita-se: Willian Souza de Lima (Professor), Rogério Lengruber (Bagulão), José Carlos dos Reis Ensina (Escadinha), José Carlos Gregório (Gordo), Paulo Viriato (Japonês), José Carlos Elias (Carlão Papaia), Paulo César Chaves (PC), José Lourival Siqueira (Mimoso), Alfredo (dedinho), Pqd, Naval e alguns outros; entre esses os mais inteligentes eram o Carlão Papaia e o PC, o Bagulhão era o testa de ferro, o Escadinha o financiador. O Professor foi uma espécie de intelectual que tinha uma vivência maior vindo de uma experiência de trás, transmitida pelo Lúcio Flávio Vilar Lírio, ou melhor vivida nos anos 60 e início de 70, por serem presos mais próximos dos artistas que perambularam pelos labirintos do Presídio da Ilha Grande ali hoje no chão; naquele tempo se tinha pessoas como: o escritor Graciliano Ramos, perseguido por Getulio Vargas no Estado Novo de 1930 e 1945, o político Fernando Gabeira e outros tidos com compositor do regime militar; os contraventores Castor de Andrade e o Natal da Portela. Esses presos da crônica policial tinham afeição pelo Zequinha.

Divina andava sonhadora, nutrindo esperança de que Bárbara pudesse ser a salvação do irmão. Com elogiosas alusões a beleza da amiga, discordou da possibilidade de o irmão não querer mais vê-la e incentivou-a a retornar ao morro, ir a casa dos pais com a desculpa de que iria levar notícias dela e aproveitar a ocasião para rever o Zequinha.

Convencida, a patroa e amiga Bárbara deixou passar um bom tempo e num domingo retornou à Favela da Serrinha.

Logo na subida um moleque-avião a abordou dizendo que tinha ordem de leva-la ao chefe. O encontro foi como o de velhos amigos: _ Olá! Como vai? Pelo jeito, bem, pois está mais bonita. _ Você também. Tudo calmo por aqui? _ sim. E aqueles escritos sobre a vida na favela, publicou? _ publiquei e foi muito elogiado. Foi encaminhado pela OAB ao prefeito e ao governador. _ E a tal tese de pós-graduação? _ Ainda não terminei. É trabalhosa. Dai para frente só falavam amenidades.

A partir desse dia a jovem advogada passou

a subir o morro com freqüência e era recebida como a namorada do chefe, o que não era verdade, embora ela já estivesse bem enamorada. Nas despedidas o abraçava com frenesi. Quando a sóis, em tardes calmas, ficavam ouvindo baixinho música sertaneja do Nordeste que ela não conhecia e acabou apreciando. Nas audições, Zequinha da Boca, que sabia toda as músicas de cor as vezes reincorporava o Zequinha das Cantorias e controlava junto com a voz dos cantores dos discos.

Acabou se apaixonando. O marginal, entretanto, se portava como um cavaleiro e, intrigada Bárbara pensava: Acho que ele não sente nada por mim... mas é tão afável... bonito... me sinto tão bem ao lado dele... Na verdade o todo poderoso do morro, também estava gostando dela, mas se sentia inferiorizado perante a moça rica, como ele a chamava na intimidade.

Ao conversar com ela Zequinha lembrava-se de uma bela jovem filha de um fazendeiro de Jaboaão que, como Bárbara, o abraçava e acariciava nas chegadas e despedidas. Em conseqüência seu coração foi sentido e tomado pelo sentimento do amor e, um dia interpretando mal as ultimas atitudes da fazenderinha, esqueceu-se de que ela era de classe social diferente e tentou beija-la. a moça o repeliu bruscamente, lançou-lhe um olhar de desdém e ainda o agrediu dizendo: _ Não te enxergas? estas pensando que eu sou da tua laia? Agora, sempre que a moça rica o assediava ele tinha ímpetos de corresponder mas aquela cena vinha-lhe à mente e ele se controlava. Numa tarde Bárbara disse que gostaria de conhecer melhor o morro, pois só percorrera o caminho até o esconderijo que eles chamavam de cafofo e o trecho que levava à Tendinha da dona Felisberta. Propôs uma volta, e ele saiu com ela a caminho da parte mais alta.

Por onde quer que o chefão andasse, a irmã o seguia com os soldados. Beta se preparou para acompanhá-los, mas foi dispensada: _ pode ficar, mana! Não quero ninguém atrás de mim. _ Ta bem, mano _ respondeu, mas mesmo assim o seguiu a distância com os seguranças. Depois do último barraco pararam para apreciar o entardecer. A tarde se ia e a noitinha chegava. Observavam as luzes da cidade sendo acesas, proporcionando um belo espetáculo. Ao encanto daquele silêncio e

estimulador ambiente, Bárbara o abraçou e serrou os olhos para sentir toda a magia do corpo dele. As folhas molhadinhas de sereno pareciam palmejar a cena da intimidade do casal. Zequinha percebeu que ela lhe oferecia os lábios. Sentiu um tremor nas pernas. Permaneceu imóvel, calado. ("Kalado!") Percebendo que ele afrouxava o braço, ela o apertou e pediu: _ Neguinho, me dá um beijo _ falou docemente. _ Ai, Moça rica... _ Vem!... Eu te quero. Te amo. Hesitou um pouquinho, mas logo atirou a metralhadora no chão e também de olhos fechados a beijou. Lacrimando e ofegante, Bárbara implorou: _ Me abraça forte... aperta. Estou adorando ficar nos teus braços. Devagarzinho abriu a blusa, ofereceu-lhe os rígidos seios, e Zequinha se fartou como um bezerro esfomeado. Ai, com doçura, pegou a mão direita dele e lentamente colocou sob a saia, nas coxas torneadas e pelos ríspidos de uma depilagem proposital.

Devagar, aquelas mãos meio grossas, meio macias subiam acariciando até alcançar o meio das pernas e o dedo de gatilho do rei do morro tocou-lhe o ponto mais sensível. Com arrepios, o mundo girou em torno da cabeça deles e quando deram por si notaram que estava deitados lado a lado e que o céu estava estrelado, cintilando como as luzes da cidade que pareciam piscar. Para ambos era como um sonho mágico. De repente ouvem os alaridos de um cão e são despertados por estampidos.

Zeca dá um salto, pega a AR-15 e olha para todos os lados. A moça rica estava numa embriaguez romântica tão grande que nem se assustou. _ Vamos descer! _ Acho que será melhor ficarmos aqui quietinhos mais um pouco. _ Não. Vem na minha retaguarda. Desceram devagar e em silêncio. Encontraram Beatriz, os seguranças e um rapaz conduzindo uma cabra morta. _ O que houve, mana? _ Estávamos te esperando a cabrita desembestou fugindo de um cachorro, eu me assustei, dei uma rajada e acertei eles. A cabra eu sei de quem é. É da dona Marta Resadeira. _ Então vá lá, se explique e pague o preço que ela pedir pela cabra morta. Procure também o dono do cão e peça desculpas. Bárbara ficou impressionada com a atitude do chefe. Ele

era rígido e justo. Em pensamento comparou-o com o guerreiro Che Guevara, que era duro mas não perdia a ternura. No cafofo, com cara de quem pede, falou que não queria mais ir embora.

— Aqui não lugar para uma moça como você. — Então venha embora comigo. — Não posso abandonar o morro, eu gosto daqui. Além disso, p'ra onde quer que eu vá a policia irá atrás. Meu mundo é este morro... — É... E você é como um rei prisioneiro em seu castelo... A favela é a sua prisão. Zequinha, calado, a acompanhou até o carro ao pé do morro. — Tchau, meu rei sem castelo! — Tchau, minha moça rica da favela!

Bárbara acenou e foi conduzindo o carro num misto de felicidade, tristeza e desapontamento. Sentia-se feliz por ter tido uma relação inédita e prazerosa de amor num ambiente de sonho, com luzes na terra e estrala no céu; triste por não ter podido dormir com o seu amor; desapontada por não ter conseguido convence-lo a abandonar a contravenção e acompanhá-la.

Em contra-partida, Zequinha, que inicialmente se sentia vitorioso como um guerreiro numa batalha, ficou acabrunhado e triste. A sensação de vitória era por ter feito amor em seu ambiente com uma beldade cinematográfica sem ter sido o sedutor. O acabrunhamento era por estar apaixonado e não ter podido ir com a amada para sempre. Estava profundamente sentindo por não ser um homem livre. De repente seus pensamentos são interrompidos por um grande tiroteio. Era a Policia Militar invadindo o morro. Empunhou a metralhadora e foi a guerra, mas os policiais eram muitos. Uns companheiros foram alvejados, outros fugiram. Então Zequinha recuou e se escondeu no barraco de uma velhinha que estava abraçada aos três netos. Os policiais o descobriram e o chefe da operação gritou para ele: — Saia! Você está cercado. Se não sair, vamos fuzilar todo mundo que está aí dentro. — Não atire. Eu vou sair.

Certo de que seria fuzilado, abandonou a arma e saiu de mãos para o alto, caminhando lentamente ao encontro da morte. Não atirem. Uniu as mãos e foi algemado. Com a prisão dele os moradores ficaram apreensivos nessas ocasiões fatalmente uma desconhecida quadrilha de outra falange invade o morro para eliminar todo o pessoal do movimento

ou expulsa-los.

A probabilidade de haver guerra causa apreensões e medo. Nesse caso... é p'ra todo lado. todos se escondem nos barracos e trancam as portas porque algum perseguido pode entrar correndo p'ra ser esconder, levando a residência a ser invadida e a família toda presenciar um assassinato dentro de casa. De portas trancadas, metem as crianças embaixo das camas, escondem-se atrás de sofás ou armários porque balas perdidas podem atravessar portas, janelas ou mesmo paredes quando disparadas de armamento pesado.

Que terror! Normalmente um novo homem assume o comando e os moradores se aterrorizam porque terão que prestar obediência a um desconhecido que não tem consideração com ninguém. Felizmente não houve logo uma invasão, e o Zé Pistola, Braço direito do Zequinha no trafico, assumiu a liderança. Zé sempre teve uma certa queda por Beatriz. Só não avançava o sinal em respeito ao Zequinha, mas logo que ele foi preso começou a acedia-la. Matreira, beta fingia não entender, levando tudo na brincadeira, até que um dia, a só com ela no cafofo, o Pistola foi agressivo e encurralou-a num canto, tentando possui-la a força. Beta fingiu amolecer e, quando o homem ia apertá-la, sacou um punhal que sempre carregava as escondidas, encostou na barriga do bandido e falou firme: — Zé! Sempre convivi com homens desde menina, e ninguém nunca me desrespeitou. Nunca fui de brincar de boneca, mas sou muito mulher, e macho nenhum vai me cumer a força.

— Ô gata! Fica mansa. — Só vou p'ra cama com quem eu quero... E não to afim de você. O rude sedutor ia tomar uma atitude, mas sentiu a ponta do punhal bem no umbigo e mudou de idéia. — Calma, companheira! Pensei que você tava na minha... desculpa. — Tudo bem, só que, se continuar a me apoquentando, a gente vai acabar se desentendendo feio, e o mano quando voltar não vai gostar de saber.

Zé Pistola afastou-se e abriu um sorriso. — Já pedi desculpas. Não se fala mais nisso. Senta aí. Vamos fumar o cachimbo da paz. Acendeu um baseado. Fumaram. O morro ficou um em

paz, até que houve uma tentativa de invasão, mas os soldados estavam atentos. Zé Pistola organizou a defesa, deu ordens e poderes de comando para a Beta da Metralha, e graças a capacidade estratégica dela e a bravura no combate, os invasores foram repelidos. A malta estava reunida comemorando a



vitória quando surpreendentemente Zé Pistola destituiu Beatriz do posto de comando, tirou-lhe a inseparável metralhadora ordenou que ela se retirasse ele falou para o bando: _ Eu não vou ficar tomando conta do morro p'ra ninguém. Agora o Chefe sou eu. Eu vou dar a minha primeira ordem de comando: se o Zequinha aparecer fuzilem!

Na cadeia, ou seja, num estabelecimento prisional, a convivência de perto com presos nos ensina que: _ na vida do crime existe hierarquia nos morros, nas favelas onde quer que seja o reduto da malta. _ Lá se tem comandante e chefe, assim como no próprio interior de um estabelecimento penal, se tratando de penitenciária onde a convivência é comum. Comandantas e chefes são palavras sinônimas, como todos nós sabemos, mas lá para eles têm uma diferença _ os comandantes deles são temidos, são os verdadeiros generais, e os chefes são

apenas respeitados. O comandante só é chefe quando lidera e nem sempre é necessária usar a força do cargo. Há bons comandantes e chefes maus. Também há maus e bons bandidos do ponto de vista dos favelados. Hoje, abrangente de qualquer bairro das grandes cidades no Brasil. Os maus são temidos pelo seu grau de violência, e os bons, apesar de serem capazes de matar e castigar, não sentem prazer em praticar execuções e torturas. Exemplo disso nós tivemos na cadeia da Ilha Grande até 1989, daí para frente se estendeu a todas as grandes prisões e complexos como Rio, São Paulo, Pernambuco e etc., outro exemplo é a favela do Vintém no Rio de Janeiro, onde o comandante é bastante conhecido...

Durante o seu tempo de liderança Zequinha era duro, implacável com os inimigos, mas, por seu carisma e capacidade de liderança inata, não tinha dificuldade em botar ordem na Serrinha. As atitudes mais radicais estavam ao encargo de Zé Pistola, seu lugar-tenete, que ao assumir o comando, teve de usar a força repreciva, pois não era querido por ninguém. Pistola criou até um tribunal, formado por um soldado, um "avião", um homem da equipe de servisos manuais (como enrolador de maconha, passador de cocaina, distribuidor), um elemento do bando que ele escolhia na hora e alguém que não pertencia ao movimento, mas era escalado e tinha de perticipar do julgamento.

Talvez seja esse o grande motivo pelo qual o prisioneiro Zequinha, tenha sido escolhido pela Falange vermelha para durante a sua vida útil, fazer parte dos chamados linha de frente. E ao mesmo tempo o Pistola foi expulso condenado pelo tribunal marfioso e não foi imediatamente morto permanecendo nesta cadeia durante os seus últimos anos como preso do seguro de vida, _ útil a administração que aproveitava os seus servisos nos trãnsportes, onde desempenhou a mecânica e o volãnte como nenhum outro.

Certa feita, lá no morro no comando do pistola, um trabalhador falou para a mulher: _ Esta noite vai ter enquerito. Vou ter de estar lá. _ Ih! Você vai ter que da aval para alguém ir para o inferno. Quem está no inquerito? _ É uma

mulher que roubou dólares e jóias da patroa. A madame é amiga de um comandante da PM, e o Zé Pistola foi informado de que o homem está preparando uma batida aqui no morro. O Zé já pegou ela e disse que tem que resolver tudo nesta noite para evitar a batida.

Quem ia para o inquérito já estava condenado. O julgamento era apenas um artifício que o homem usava para dar a impressão de que era justo e ao mesmo tempo atemorizar os moradores do morro, que a cada julgamento o temiam mais. A cena do julgamento da ladra, como todos os outros, foi dantesca: lá no alto do morro os cinco jurados estavam sentados em pedras ou de cócoras de frente para o acontecimento e de costas para o rochedo e barrancos, alguns protegiam-se em troncos e usavam colete a prova de balas. Ao meio do círculo a ré, amarrada e desolada, com um capuz na cabeça, sem ver nada e nem ouvir.

Após indicar o quinto jurado, o homem falou: _ Ela é uma ladra safada. Eu já falei que não quero assaltos na redondeza p'ra não sujar a área... _ Onde foi que ela roubou? _ Perguntou um jurado. _ Não foi no bairro, mas ela trouxe o roubo p'ro morro. Por causa dela estão preparando uma batida que vai prejudicar o movimento. Temos de resolver isso rápido. Quem acha que ela é culpada, levanta a mão direita. todos hesitaram por uns segundos, mas logo as mãos foram sendo erguidas e assim que o quinto dedo foi levantado... tá-tá-tá-tá-tá-tá. Pá-pá-pá-pá-pá... foi assassinada com muitos tiros e pauladas, exatamente como mandava a sentença. Do mesmo jeito na cadeia se fazia com estoque, hoje usa-se asfixia com corda improvisada, sem fazer sangue.

Alguém dos serviços chegou com um plástico preto e enrolou o corpo perfurado; um outro chegou com o carrinho de obra onde a defunta foi colocada. Ao pé do morro um carro roubado aguardava e o corpo foi colocado na mala. Um "avião" conduziu o carro e o abandonou nas proximidades do Batalhão da PM. O comandante entendeu a mensagem e suspendeu a batida.

No presídio, Zequinha foi informado de que quem estava no comando do morro era o seu amigo Zé Pistola e que uma tentativa de invasão não tivera êxito. Ele ficou feliz porque nenhuma organização

estranha ocupou os seus domínios e acreditava que um dia voutaria e reasumiria a chefia, ou melhor o camando.

Visitado pelo pai, quis saber da mãe e das irmãs, especialmente da Beta. Seu Severo, com ares de satisfação que graças a Deus, ela não estava mas fazendo parte da turma do movimento e que de vez enquanto dava até uma ajuda a mãe na tendinha. _ Que bom!... Mas porque será que ela saiu do bando? _ Saiu não, foi expulsa. E o Zé Pistola não é mas seu amigo. Iplorando para que o filho também abandonasse a vida bandida, falou baixinho a voz: _ Auele dinheirinho que você me deu está guardado no banco. _ O dinheiro é seu, pai. _ Não esqueça que também tem umas verdinhas escondidas com a sua mãe. _ É dela também, pai. Acho que não vou ficar muito tempo aqui: a Moça Rica já me arrajou advogados bons.

_ Pense bem, filho. Quando sair, podemos mudar de vida. O que tenho economizado, juntando com o que você nos deu, dá p'ra comprar uma casinha no subúrbio. Você pode voutar a brabalhar de motorista, que é a sua profissão. O horário termino, vou ter de ir. _ Bença, pai. Dá um beijo na mãe. _ Deus te abençoe.

Meses depois Bárbara, com o auxílio de bons criminalistas, conseguiu uma liminar para que ele fosse liberado. Este fato chegou ao conhecimento da imprensa escrita e, foi noticiado que em tempo recorde o traficante Zequinha da Boca havia sido julgado e absolvido. Ainda no presídio aguardando o alvará de soltura, que naquela época demorava muito, ele foi informado de graves acontecimentos na sua área, desde em que os jornais noticiaram a sua absolvição.

Ficou sabendo que invadiram a casa do seu pai e reviraram tudo. Ficou revoltado ao saber que também a tendinha da família, que ao prosperar passou a ser chamada de Venda e se parecia mais com um armazém, foi depredada e que seus pais foram expulsos da favela e tiveram de sair sem direito a levar os pertences conseguidos com dificuldades.

Foi uma ação violentíssima. Os agressores

chegaram de madrugada arrebentando porta e janelas. Atiraram nas garrafas e outro utensílios provocando um barulho aterrorizador e apontando ameaçadoras armas. Arrebentando a passagem que dava para a parte dos fundos, lado residencial da tendinha, onde a família morava.

Seu Severo não pode reagir. Junto da mulher encostou num canto, abraçando as filhas mais novas, Beatriz, muito arisca, imediatamente percebeu que não se tratava de batida policial. Sentiu um perigo iminente e, prevendo que não adiantaria reagir, pegou o fuzil do pai e escapou por uma janela.

Gritaram para Seu Severo: _ Entregue as armas que não vai acontecer nada com vocês. A gente só queria era dar arrocho na Beta da Metralha. Fugiu, né? Cadê as armas? _ Meu revolver está ali em cima do armário _ apontou na direção. _ Tá faltando o fuzil. Seu Severo ficou imóvel. _ Já sei. A Beta levou. Já que a espertinha fugiu, vamos caçar. Se ainda estiver aqui no morro, não vai sair mais: vai p'ro sumidouro. O dia já está amanhecendo. Quanto a vocês, antes do sol brilhar eu quero que caiam fora.

Saíram. Seu Severo sentiu toda a dor da opressão. Olhou desconsolado para a mulher e fez aquele gesto que se faz encolhendo os ombros quando não se pode fazer nada. Sem palavras, juntaram o que tinham de valor, vestiram-se e partiram, cada um conduzindo apenas duas sacola. A família de Silva Deus era muito querida, por isso a cena da retirada foi triste. Na descida, os vizinhos acenavam das janelas e choravam. Com as mãos ocupadas não puderam nem responder aos acenos.

Seu Severo desceu firme. Dona Felisberta e as filhas, chorando. Até alguns rapazes pertencentes ao movimento ficaram revoltados e, acreditando no retorno do Zequinha, abandonaram o novo chefe e foram se juntar a Beta, que se escondeu no alto do morro para organizar a resistência. O plano dela era atacar de cima para baixo quando o irmão chegasse, certamente trazendo algum reforço.

Zé Pistola, calculando que seria fácil desaloja-la, fez uma investida sem muita preparação e foi rechaçado. Então se preparou melhor para enfrentá-la. Beta tinha ganho mais algumas adesões, batalhas constantes foram travadas e os moradores pacatos



viveram um tempo infernal porque a favela entrou em guerra. Três do bando do Zé caíram e ele próprio quase foi alvejado.

Na calada da noite foi travado outro combate feroz, e, graças ao reforço que foi mandado pelo Comando Jacaré, organização aliada ao bando do Zé Pistola, todos os da turma dela foram abatidos.

Beta da Metralhadora foi encurralada e, mesmo ferida, atirou até acabar a munição, recuada até a parte mais alta do morro, onde havia um precipício.

Irado, o bandido gritava:

_ Quero ela viva!

_ Vou amarrar ela e comer.

_ Depois vou deixar ^{quem} quiser meter nela também, em todos os buracos.

_ Quando ela não agüentar mais, eu degolo e jogo no sumidouro.

Com sua inseparável pistola empunhada, Zé ordenou: Pára todo mundo! Deixa que eu mesmo pego ela.

Pistola aproximou-se sorrindo, um sorriso diabólico e espumando como louco:

_ Vem cá. Vou te comer.

Não vai, não, seu imundo! Nem morta. Aí, para não se entregar, se jogou do precipício. Num lance impressionante, Beta da Metralha-Beatriz se precipitou lá do alto do monte de

pedras, terra e mato chamado de Serra do Gigante.

Onde ninguém vai, precisa de muita coragem.

Eu estou contando, essa passagem de uma história bem mais longa, porque tive motivo de lembrar-me dela nesta Edição. Talvez para frente em outra oportunidade continuarei. São casos que os presos da velha cadeia da Ilha Grande cultivavam como lendas do passado de um ou outro amigo. E, que nem todos os presos sabiam narrar, apenas alguns principalmente aqueles que estavam ligados com alguns tipo de movimento cultural como o Zequinha. Que gostava de participar das rodas de cantoria e puxar um samba-enredo, um maracatu. Pegar um violão e cantar quase declarando: um canto triste que penetrava no coração e, que hoje trás me grandes recordações. O canto que harmonizava no dedilhar de violões. Extasiando as multidões de presos. Deixando ali um forte traço de união. E alinhava a sua estória a cantoria da cadeia.

Ali se lembrou dos carnavais _ pular nos blocos, nos salões e nos pagodes, calangos, baiões, carimbós, batuques, xaxados e etc.... De forma que, a harmonia formada é linda a sua história e a história desta harmonia é a mesma história desta cadeia.

Panorama Nacioal

CONTABILIDADE PRÉVIA: USANDO TUDO



- Tá bom, ...: se a gente for contar nos dedos eu perco por um voto!

Tema: Transporte

MEU CARRO "CHALEIRINHA"

Nada de boas lembranças, parece lenda, mas aconteceu:

A "CHALEIRINHA"

É uma das histórias que aconteceu com a Dona Tereza da Cantina. Quando lembramos do nosso chaleira. Nada de boas lembranças, parece lenda, mas aconteceu de ser o carro que até agora nos deu mais trabalho. Uma vez vendi um fusquinha amável, ficamos sem carro, ou seja, sem nada, pois dizem por aí, que fusca não é carro. - Entrei na contamáo dos pecados, que vieram me atropelar todos os dias nos ouvidos - a filha e a mulher, que sem carro não podia ficar, opinião prá lá opinião prá cá, conversa vai e conversa vem outro carro tive que comprar as pressas: Um belo dia de sábado de sol estatalado fui a Madureira, começando a procura de algum veículo lá pelas bandas de Ramos, acabei chegando as tantas da tarde no local onde tinha mais um anúncio, comprei o carro - um Gol BX, 85, usado. Quando cheguei em casa dei aquela notícia, foi aquela enchurda de perguntas curiosas, tinha que aguardar o cheque compesar, o moço era exigente. Ele era a alcool, motor 1300 de Brasília com dois carburadores, seu maior problema eu fui descobrindo aos pouquinho. Era que ele não podia ver agua.

No começo achamos uma gracinha, mas depois foi ficando cômico: o veículo me deixou sempre na mão 76 vezes em três anos. Só funcionava no verão e longe de banhos. Constantemente o carburador aparecia desregulado ou caía a tampa, o que consumia muito combustível, além disso a buzina não funcionava direito.

O BX era um típico bonitinho mas ordinário. Só nos deixava na mão nas horas que mais se precisava. Uma vez, saímos para a festa, discutimos, e a meia noite ao regressar o carro resolveu pifar em plena Avenida Brasil. Tive tanta raiva que dei um chute na porta e meu pé ficou enganchado no forro de papelão grosso.. Ela nem viu de tanta raiva, também! Fui para casa, deixando os vidros abertos e a chave na ignição. Voltei com medo de não encontrá-lo e para minha surpresa, ele estava lá intacto. Outra vez foi na mesma avenida, onde hoje construiu um viaduto na entrada de Santíssimo, empurramos até na churrascaria, encostamos no pos

posto de gasolina e lá ele ficou imóvel...

No inverno, somente de ônibus ou taxi para não correr o risco de ficar no meio da rua. Nas emergências, mantinha um remendo de couro bem apertado, plástico no distribuidor para diminuir a entrada d'água. O Gol deu-me muito trabalho.

Era martirizante, gastamos duas vezes o valor da compra ajeitando a charranga, e vendemos por aquele valor dividido por quatro. E saímos para um carro de consumo pretendido.

Contei esta estória para inaugurar esta coluna nova, onde o tema abordado deve ser em torno dos transportes da Vila Dois Rios, comunitário.



TANSPORTE

O tema transporte é polêmico, e por isso ele mereceu uma coluna isolada nesta Redação, nada melhor do que desfrutar do privilégio específico para a matéria. Onde os motoristas devem aquilhoar qualquer um bom bocado, isto não quer dizer que serão alvo, mas força de expressão de uma tão sofrida categoria sem seu quinhão.